

# OS DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA INDÍGENAS EM CURSOS SUPERIORES INTERCULTURAI

Lidiane Szerwinsk Camargos (IFB/UnB)  
Email: [lidiane.camargos@ifb.edu.br](mailto:lidiane.camargos@ifb.edu.br)

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal levantar reflexões a cerca do ensino de língua portuguesa para indígenas brasileiros, principalmente em cursos de licenciatura intercultural, considerando as especificidades culturais, linguísticas e históricas de cada povo, bem como o tratamento dado aos diferentes níveis de proficiência em língua portuguesa. Será refletido ainda sobre as dificuldades do professor em trabalhar com o ensino de língua portuguesa frente à diversidade linguística, comumente, presente em sala de aula nos cursos universitários interculturais.

**Palavras-chave:** Ensino; Interculturalidade; Língua Portuguesa; Gramática contrastiva.

## 1. Introdução

De acordo com dados do último Censo Demográfico 2010, realizado pelo IBGE, o Brasil conta atualmente com uma população indígena de 817,9 mil pessoas, representando 0,4% da população total do Brasil, conforme pode ser verificado na tabela abaixo<sup>1</sup>.

Grandes Regiões	População indígena e distribuição percentual				
	Total	Localização do domicílio			
		Terras indígenas			Fora de terras indígenas
		Total	Condição de indígena		
Declararam-se indígenas	Não se declararam, mas se consideravam indígenas				
Brasil	896 917	517 383	438 429	78 954	379 534
Norte	342 836	251 891	214 928	36 963	90 945
Nordeste	232 739	106 142	82 094	24 048	126 597
Sudeste	99 137	15 904	14 727	1 177	83 233
Sul	78 773	39 427	35 599	3 828	39 346
Centro-Oeste	143 432	104 019	91 081	12 938	39 413
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Norte	38,2	48,7	49,0	46,8	24,0
Nordeste	25,9	20,5	18,7	30,5	33,4
Sudeste	11,1	3,1	3,4	1,5	21,9
Sul	8,8	7,6	8,1	4,8	10,4
Centro-Oeste	16,0	20,1	20,8	16,4	10,4

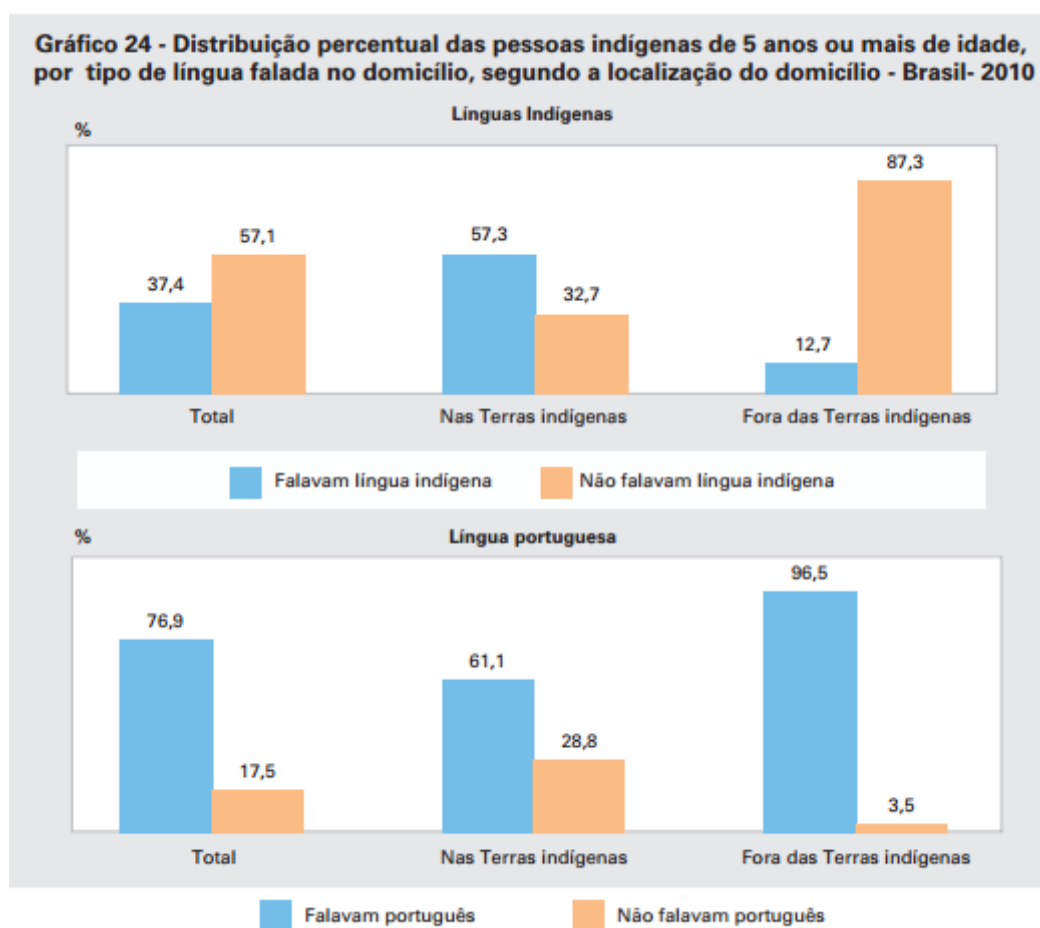
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

<sup>1</sup> Tabela disponível em: Censo Demográfico 2010. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/Publicacao\\_completa.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf). Acesso em 25 de agosto de 2012.

Sobre as línguas indígenas brasileiras, o Censo 2010 mostrou que

No Brasil, para as pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade, foram contabilizadas 274 línguas indígenas faladas no Território Nacional, excluindo aquelas originárias dos outros países, denominações genéricas de troncos e famílias linguísticas, entre outras não foram consideradas línguas indígenas. Nas terras indígenas foram declaradas 214 línguas indígenas faladas pelas pessoas indígenas de 5 anos ou mais de idade e 249 foram contabilizadas tanto nas áreas urbanas quanto rurais localizadas fora das terras.

O Censo 2010 revelou ainda que “37,4% dos indígenas de 5 anos ou mais de idade declararam falar uma língua indígena: dentro das terras, 57,3% e, fora delas, somente 12,7% ainda eram falantes”. Desta população indígena, 76,9% falava português, sendo que fora das terras indígenas praticamente todos eles falavam o português. O gráfico<sup>2</sup>, abaixo, ilustra a situação linguística quanto ao português.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

<sup>2</sup> Gráfico disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/Publicacao\\_completa.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf). Acesso em 25 de agosto de 2012.

Nesse contexto de diversidade linguística tão rica e complexa em que vivem as sociedades indígenas, existem também diferentes situações de vitalidade das línguas nativas. O Português é a língua majoritária e de vitalidade plena, mas as línguas de imigração que aqui se nativizaram e as línguas originalmente nativas do Brasil encontram-se todas elas, em maior ou menor grau ameaçadas de extinção. É verdade que nas últimas décadas houve uma grande evolução nas políticas de governo que passaram a considerar a necessidade de fortalecer as línguas e culturas das minorias étnicas do Brasil.

O ensino de língua portuguesa para comunidades indígenas, tanto nas escolas das comunidades quanto nos cursos superiores, principalmente nos cursos interculturais, torna-se um grande desafio tendo em vista, sobretudo, as peculiaridades culturais e linguísticas desse povo. Assim, primeiramente, faz-se necessário levantar alguns questionamentos: Que português ensinar? Como trabalhar o ensino de língua portuguesa respeitando as especificidades de cada povo em uma sala com grande diversidade cultural e linguística? Como ensinar o português sem que ele se sobreponha à língua nativa?

Neste universo é preciso, primeiramente, refletir sobre a importância e o lugar que a língua portuguesa assume em cada comunidade indígena. O que é inegável é o fato dela ser hoje um poderoso instrumento de diálogo com a sociedade envolvente, isto é, o português é língua que permite a interação com todos os setores da nossa sociedade.

O aluno indígena, diferentemente dos demais alunos não índio, carrega o peso de um processo colonização, na maioria das vezes, violento e destrutivo, sendo a língua portuguesa um instrumento de colonização usado de forma impositiva e com finalidades, sobretudo, políticas e religiosas. Dessa forma, acredita-se que a variedade linguística do português utilizada pelo indígena e o grau de proficiência nela podem mostrar-nos ou ainda dar indícios dos processos de colonização sofridos por ele e sua comunidade.

Afinal de contas, que português queremos que o nosso aluno indígena saiba? Maher (2006) afirma que

“o português do índio é um português muito colorido, muito criativo e não há, cientificamente, motivo algum para pensar que ele não seja uma forma legítima de utilização dessa língua. Aqueles que acreditam que essa seria uma variedade bastarda, ilegítima da língua nacional, o fazem por operarem com uma noção equivocada do que seja uma língua”.

Compartilhando das ideias de Maher propõem-se alguns pontos para discussão sobre as dificuldades e as estratégias de ensinar língua portuguesa em uma sala de aula tão diversificada como as encontradas nos cursos de Licenciatura Básica Intercultural.

## **2. A importância da língua portuguesa nas comunidades indígenas**

A língua portuguesa tem hoje um papel central nas comunidades e escolas indígenas, pois se tornou o meio eficaz para comunicação com a sociedade envolvente;

o domínio da língua portuguesa abre as portas para a inserção dos indígenas no nosso meio social e traz autonomia para a comunidade, uma vez que eles próprios tornam-se sujeitos independentes e ativos, capazes de criar seus próprios projetos, acompanhar processos, defender seus direitos, dentre outros. Este é um discurso, de forma geral, proferido por várias etnias, conforme se pode constatar nos relatos<sup>3</sup> abaixo:

*“O papel da língua portuguesa na escola é muito potencial do que a língua materna. Porém existem muitas etnias que não são falantes da língua materna, portanto a língua materna é uma das línguas que podemos comunicar” (Aluno Oro Waram)*

*“A língua portuguesa na escola da comunidade indígena é muito importante porque precisamos para nos defender, conversar, debater e propor a nossa proposta o que queremos” (Aluno Oro Waram Xijein)*

*“A língua portuguesa na escola é muito importante para entender melhor a compreensão do mundo e dos homens envolvente e para não ser enganada. A língua portuguesa é para facilitar a convivência, para conhecer o nosso direito e nossos deveres e demais” (Aluna Makurap).*

*“A língua portuguesa pode ser ou pode trazer uma importância de aprendizagem para o entendimento para as comunidades indígenas. Porque através dela começamos observar melhor os nossos direitos e os conceitos das leis que existe na sociedade não indígena. A língua portuguesa, apesar de ter muita influência sobre a língua materna, ou seja tem mais domínio sobre ela quanto mais aprendemos o seu conceito, nós índios saberemos defender os nossos ideais que hoje é considerado muito fraco pela política da sociedade” (Aluno Suruí) .*

*“Após dos contatos com os “homens brancos” a importância de ler e escrever e expressar na língua portuguesa se deu um salto muito alto nas sociedades indígenas. Hoje atualmente o papel da língua portuguesa tem sua grande importância dentro de um povo. As principais importâncias são: informação, intercâmbio, buscar seus direitos na questão da política envolvida, produção e expressão de um documento para as autoridades, isto tudo é essencial para uma população indígena” (Aluno Gavião.)*

Esses relatos evidenciam o lugar conquistado ou, na maioria das situações sociais, imposto pela língua portuguesa nas comunidades indígenas e traz para a universidade o debate sobre como lidar com o ensino da língua portuguesa juntamente com o ensino de língua materna/nativa, respeitando o idioma nativo; que material didático o professor pode dispor para auxiliar nesse processo, visto a carência de publicações linguísticas na área indígena; quais as dificuldades enfrentadas pelos professores, indígenas e não indígenas, e pelos alunos durante o processo de

---

<sup>3</sup> Todos os relatos foram coletados durante aulas no curso de Licenciatura Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná.

ensino/aprendizagem; finalmente, que português ensinar diante de realidades culturais e linguísticas tão distintas entre si.

Ressalta-se, positivamente, que a preocupação com a língua nativa está cada vez mais presente nas discussões dos professores e das lideranças indígenas, uma vez mais conscientes da necessidade e da importância de fortalecer suas línguas nativas e, em muitos casos, de revitalizá-las, tem-se pensado em estratégias para tornar o ensino de línguas – nativa e portuguesa – bilíngue e intercultural, considerando a interculturalidade com o diálogo entre os saberes indígenas e não indígenas.

*“As duas línguas têm a mesma importância, porque a língua materna é a identidade de cada povo e cada um deve falar a sua língua em qualquer ocasião, e a língua portuguesa serve para nos comunicar com a sociedade não-indígena e compreender o mundo não índio”.*  
(Aluna Makurap)

*“É muito importante de aprender duas línguas. Primeiro lugar nos sempre alfabetizamos primeiro a língua materna, quando as crianças estão dominando bem a própria língua, aí nos alfabetizamos em língua portuguesa. Queremos que nossos alunos aprendam duas línguas”.* (Aluno Suruí)

### **3. A situação das línguas indígenas: o grau de vitalidade**

A situação das línguas indígenas no Brasil é crítica. Muitas delas estão em sério risco de extinção. Rodrigues (2000) considera que a média de falantes por língua é de aproximadamente 100 indivíduos, ainda segundo ele, “(...) aqui quase todas as línguas são anêmicas, falta-lhes o sangue das populações, e essa anemia aqui é epidêmica. Quase nenhuma língua escapou à grande sangria levada a todas as partes, a todos os refúgios, pelas políticas de conquista da Amazônia”.

Algumas poucas línguas, como o *Tikúna*, falada no Brasil, Peru e Colômbia, possui aproximadamente 40.000 mil falantes. Outras, como o *Akuntsú*, falada no estado de Rondônia, possui apenas cinco falantes; Mais grave ainda é o caso da língua *Kampé*, também no Estado de Rondônia, que possui apenas um único falante. Transcrevo abaixo, o relato de uma aluna da etnia *Puroborá* sobre a situação atual de sua língua:

*“Não é com orgulho que digo que a língua portuguesa tem o papel principal na minha comunidade. Na aldeia Aperi falamos, escrevemos na língua portuguesa. A língua materna não é falada, porém estamos passando por um processo de resgate das tradições e a língua materna é a principal, pois a língua é a identidade de um povo”.*

Considerando este contexto, ao se pensar em línguas indígenas brasileiras, deve-se, primeiramente, fazer um diagnóstico sobre o grau de vitalidade das mesmas no ambiente em que são faladas e, conforme ressalta Maher (2010, pág.3), deve-se

considerar ainda “(...) a atitude da comunidade de fala em relação a sua língua tradicional”.

Sobre a atitude da comunidade em relação à língua indígena, deve-se pensar na forma como a mesma é utilizada na comunidade, ou seja, sua função social, se ela é usada como língua materna, falada por toda a comunidade como uma língua majoritária e em contextos familiares, ou se ela já se tornou uma segunda língua (L2) dentro daquela comunidade, ficando restrita a alguns contextos sociais e/ou falada apenas por alguns grupos da comunidade, como, por exemplo, os velhos e as lideranças. Há ainda os casos em que a língua simplesmente não é mais falada pela comunidade, tendo sido substituída pela língua portuguesa. É interessante notar que muitos dos professores indígenas já estão conscientes do ensino que querem em suas comunidades:

*“O papel da língua portuguesa nas comunidades indígenas do povo Cinta Larga, é usa-lo como uma segunda língua nas aldeias e nas cidades. Esse uso é praticado quando um índio e um não índio se comunicarem nas reuniões, oficinas de curso e praticá-lo tanto com as pessoas que esteja circulando nas aldeias fazendo as negociações com lideranças da comunidade. Assim ela tem a sua função no ensino nas escolas, que as crianças e os jovens seja conscientizados que a língua portuguesa seja usada quando é necessidade de se comunicar quando dialogar ou resolverem os seus problemas particulares, familiares ou cobrando seus direitos com as autoridades das sociedades envolvidas”(Aluno Cinta Larga).*

*“(...) o meu povo não domina a língua portuguesa. A gente está buscando a segunda língua. Isso que a comunidade quer” (Aluno Oro Nao)*

Diante deste quadro, temos uma situação que está se tornando cada vez mais comum nas comunidades indígenas, o biliguismo. O bilinguismo para estas comunidades necessita de um olhar diferenciado, pois como afirma Isidoro (2008), o bilinguismo ocorreu nestas comunidades muito mais em razão da imposição sócio-político-econômica da sociedade majoritária, do que por uma escolha do próprio grupo, o bilinguismo se torna uma necessidade para contato dos povos indígenas com a sociedade envolvente.

No curso de Educação Básica Intercultural, um dos desafios enfrentado são os diferentes graus de bilinguismo dos alunos. Enquanto uma parte teve acesso ao ensino de português nas escolas das aldeias desde a infância (a partir dos 7 a 8 anos) e com professores não-indígenas, outra grande maioria só teve esse acesso durante a idade adulta. Esta diferença nos graus de bilinguismo se manifesta em sala de aula de forma notória, principalmente, na fala e na escrita desses alunos. Dessa forma, o contexto social e histórico do ensino bilíngue deve ser pensado e refletido, pois pode criar barreiras linguísticas, sociais e culturais no ensino de língua.

O tempo de interação dos indígenas com a sociedade envolvente, é outro ponto de estudo que merece atenção. Os Suruí Paiteer, por exemplo, foram contatados em 1969, enquanto que Guaraní possuem mais de 500 anos de interação. Maher (2006:15) reforça que “evidentemente, as diferentes experiências de contato com a sociedade envolvente fazem com que os povos indígenas no Brasil tenham, comparativamente, configurações atuais muito particulares”.

### 3.1 O ensino de português na perspectiva da gramática contrastiva

De acordo com Maher (2010), a promoção do ensino eficiente da língua portuguesa nas escolas das aldeias pode convencer as famílias indígenas a investirem na transmissão de suas línguas tradicionais a seus filhos. A língua portuguesa tem hoje importante função social nas comunidades indígenas, como já discutido acima, por esta razão, muitos pais, com medo de que os filhos não aprendam bem o português nas escolas e sejam penalizados na sociedade envolvente, começam a ensiná-los em casa, deixando de lado a língua nativa. Dentro desta perspectiva, Maher afirma que “(...) a língua portuguesa passa a ser vista, não apenas como a grande vilã, mas também como uma possível aliada no projeto de fortalecimento das línguas indígenas locais”. Um relato de um aluno *Oro Mon* mostra compartilhar das ideias de Maher:

*“(...) A língua portuguesa na escola indígena é muito importante conhecer a língua não-indígena, nos aprendemos a escrever e aprendemos a ler. Praticamos a leitura do português em sala de aula, mesmo tempo nós praticamos os nossos saberes na nossa leitura como na língua materna. O papel do português está incentivando os nossos saberes” (Grifo meu).*

O ensino de língua via gramática contrastiva é hoje uma das estratégias de ensino que tem trazido bons resultados em contextos de segunda língua. Neste modelo, o aluno é levado a refletir sobre as estruturas linguísticas na língua-alvo através da comparação com a gramática da sua própria língua. A análise contrastiva permite que o aluno identifique singularidades e diferenças entre as duas línguas e seja capaz de desenvolver análises em sua própria língua, visto que a teoria é ensinada a partir de dados reais das diferentes línguas, cujas diferenças e contraste permitem ao aluno apreender os fenômenos linguísticos focalizados com muito mais facilidade.

O método de ensino via gramática contrastiva, nos cursos de Licenciatura Básica Intercultural, porém, traz certas complicações relacionadas ao conhecimento linguístico do aluno e do professor das línguas de origem e alvo. Como já explicitado anteriormente, as salas de aula desses cursos apresentam uma imensa riqueza linguística. Na grande maioria das vezes, o professor tem de trabalhar com uma grande quantidade de línguas, de famílias e de troncos linguísticos diversos. Há ainda o fato de que muitas das línguas não possuem descrições linguísticas completas e satisfatórias o que faz do professor um incansável pesquisador neste processo de ensino e aprendizagem. A observância da necessidade de focalizar estruturas de todas as línguas representadas no curso de Educação Básica Intercultural, por exemplo, deverá orientar-se pela importância da pesquisa, sobretudo da pesquisa em grupo, que, aliás, é uma prática saudável que os indígenas costumam adotar na universidade.

## 4. Considerações finais

O ensino de língua portuguesa em um contexto com grande diversidade linguística, como os cursos de Licenciatura Básica Intercultural, é um ponto que merece

mais estudos e pesquisas, considerando fatores como o grau de vitalidade linguística, o grau de bilinguismo dos indígenas e o contexto sócio-histórico de aprendizagem da língua portuguesa.

Para a adoção de uma gramática contrastiva, o professor deve ter um embasamento teórico linguístico que o permita analisar diferentes línguas e compará-las de forma reflexiva com o português. A comparação nem sempre é uma tarefa fácil, pois nem todas as línguas possuem descrição linguística. Para tanto, o professor de língua portuguesa para os indígenas deve estar em constante processo de pesquisa.

Por fim, sabe-se que ainda há muitos pontos em aberto que deverão ser pesquisados e desenvolvidos em trabalhos posteriores. Esse trabalho constitui-se apenas de um panorama geral sobre os desafios do ensino de língua portuguesa para indígenas em cursos superiores interculturais.

## 5. Referências bibliográficas

Censo demográfico 2010. Características gerais dos indígenas. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/Publicacao\\_completa.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf). Acesso em 25 de agosto de 2012.

ISIDORO, Edineia Aparecida. Línguas em contato no curso de formação em Magistério Indígena de Rondônia: Projeto Açaí. In: *Múltiplas vozes*. REES, Dilys Karen et al. (Org.). Goiânia: Editora UFG, 2008.

MEC/INEP. Estatísticas sobre a educação escolar indígena no Brasil. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2007.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. *Políticas lingüísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010.

\_\_\_\_\_. A formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: *Formação de professores indígenas : repensando trajetórias / Organização Luís Donisete Benzi Grupioni*. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

RODRIGUES, Aryon. Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. A originalidade das línguas indígenas brasileiras, conferência na inauguração do lablind /UnB, 1999.